

José Claudinei Lombardi
Marcos Lima
(Orgs.)

EDUCAÇÃO E REVOLUÇÃO:
AS REVOLUÇÕES NOS SÉCULOS XIX E XX
E AS POSSIBILIDADES DE UMA NOVA EDUCAÇÃO

1ª Edição Eletrônica

Uberlândia / Minas Gerais
Navegando Publicações
2020



X

A EDUCAÇÃO SOCIALISTA NA CHINA DURANTE A GRANDE REVOLUÇÃO CULTURAL PROLETÁRIA (1966–1976)*

Marilsa Miranda de Souza

Introdução

O presente capítulo apresentará alguns apontamentos sobre a educação na China Socialista, especialmente durante a Grande Revolução Cultural Proletária de 1966 a 1976, período que ocorreu a chamada Revolução no Ensino. Estudar a história da educação durante a Grande Revolução Cultural Proletária e seus fundamentos teóricos é uma forma de contribuir para o rompimento com a visão estereotipada reproduzida no Brasil sobre as experiências educacionais nos países socialistas. Meio século após o início da Revolução Cultural Proletária, pouco se sabe no Brasil sobre o grande salto no nível do ensino na China Socialista. A maioria das obras sobre essa temática se encontra em idioma chinês dificultando muito o acesso dos brasileiros a essas informações. Nossa principal fonte de pesquisa é uma coleção de artigos sem autoria, publicada sob o título *China: Revolução no Ensino*, na Revista *La Chine en Construction*, de 1974, e traduzida por M. Fátima Monteiro em edição portuguesa, e nas obras do peruano Carlos Castillo Ríos (o primeiro do Ocidente autorizado a adentrar nas escolas desenvolver pesquisa sobre o sistema educacional na China durante a GRCP), da francesa Claudie Broyelle e do uruguaio Vicente Rovetta, que estiveram na China durante os anos da GRCP e relataram o que viram, ouviram e sentiram visitando diferentes espaços onde se processava as profundas mudanças na sociedade chinesa, especialmen-

* DOI – 10.29388/978-65-86678-06-2-f.223-264

te nas escolas. Nosso objetivo é fornecer dados que, conjugados com outros que têm sido publicados, contribuam para o conhecimento sobre a educação socialista na China e seus aportes teóricos. Faremos alguns apontamentos sobre a educação a partir da fundação da República Popular da China em 1949, com o triunfo da revolução dirigida por Mao Tsetung, até 1965, período que ainda predominaram na China as concepções tradicionais e burguesas de educação, o que resultou numa acirrada luta de duas linhas: entre a linha política formulada por Mao Tsetung que defendia a primazia da ideologia proletária e do trabalho e a linha burguesa–revisonista encabeçada por Liu Shao Chi¹. Essa luta se aprofundou no curso da Grande Revolução Cultural Proletária e resultou na implantação de um novo sistema de educação, conectada integralmente com a luta pela consolidação do socialismo e prevenção contra a restauração capitalista na China.

A Revolução Chinesa

A China é um dos países mais populosos e com uma das maiores extensões de terra do mundo. No entanto, ainda no início do século XX, era um país semicolonial e semifeudal dominado pelo imperialismo, principalmente pelo imperialismo japonês, embora o povo chinês tivesse travado muitas lutas de libertação nacional para mudar as suas condições internas. Dentre essas lutas, destacam-se a Guerra do Ópio (1839–1842 e 1856–1860), a Guerra do Reino Celestial dos Taipins (1851–1864), a Guerra Sino-Japonesa (1894), a Revolução de 1911, o Movimento de 4 de Maio (1919) entre outros. Muitos desses movimentos obtiveram algumas vitórias, mas eram limitados por que não eram dirigidos pelo proletariado.

Logo após a Revolução de 1911, funda-se na China o Kuomintang – Partido Nacionalista do Povo – em 1912. Sun Ya-sen foi quem esteve à frente da sua fundação e posteriormente das lutas dirigidas

¹ “Liu Shao-chi, foi o segundo em importância depois de Mao no PCCh e o principal expoente da linha revisionista” (BHATTACHARYYA, 2016, p. 13). Conhecido como o “Kruchov da China”.

pelo Kuomintang. Seu objetivo central era reunificar a China.

Sob a influência da Revolução de Outubro de 1917, na Rússia, houve um crescimento do movimento revolucionário na China. Em 1º de julho de 1921 foi fundado o Partido Comunista da China. O partido de Sun Yat-sen recebeu apoio do Partido Comunista da China, em 1923. Chiang Kai-shek, jovem militar, assumiu o comando da Academia Militar de Wampoa, que se constituiu no núcleo do exército revolucionário do Kuomintang, em 1924. Sun Yat-sen faleceu em 1925 e Chiang Kai-shek assumiu o controle do Kuomintang, acirrando-se as contradições entre comunistas e nacionalistas no interior do partido burguês. Em 1926, teve início a Expedição ao Norte com grande apoio das massas camponesas. Neste mesmo ano, Chiang Kai-shek prendeu inúmeros comunistas. Em 1927, forças dirigidas por Chu En-lai foram destroçadas pelo Kuomintang. Chiang Kai-shek traiu a revolução e desencadeou uma violenta repressão, utilizando-se de campanhas de cerco e aniquilamento, abatendo 5 mil pessoas, entre comunistas e aliados (DAUBIER, 1974; FAN, 1970).

Em 1928, colunas comunistas lideradas por Mao Tsetung e Chu Teh se fundiram em Chingkanshan, dando origem ao Exército Vermelho da China. Em janeiro de 1930, Mao Tsetung foi reconhecido como a grande chefatura da revolução, posição consolidada na luta de duas linhas existentes no partido em que a linha revolucionária correta do Presidente Mao Tsetung venceu a linha oportunista de “esquerda” de Wang Ming, durante a Longa Marcha (RENMIN RIBAO – HONGQI – JIEFANGJUN BAO, 1975, p. 5). O Presidente Mao Tsetung compreendeu e aplicou a verdade universal do marxismo-leninismo: a questão fundamental de toda a revolução é o problema do poder e que a tarefa central e a forma mais alta de toda revolução é a tomada do poder por meio da força armada.

A China, durante inúmeros anos, sofreu as agressões do imperialismo japonês e agora o Kuomintang também passou a ser uma força a ser combatida. Em decorrência de todas as agressões sofridas pelo povo chinês, se desencadeou a mais longa marcha da história. Essa luta

passou a ser conhecida como a Grande Marcha, iniciada em outubro de 1934 e que durou até outubro de 1936, completando dois anos de intensos combates. A Grande Marcha dirigida por Mao Tsetung se desencadeou no intuito de impedir a expansão da invasão japonesa, estabelecer um quartel-general para revolução, desenvolver a Revolução Agrária e libertar o país das ações do Kuomintang, que já algum tempo estava sendo apoiado pelos imperialistas ianques. O Exército Vermelho era composto principalmente por operários e camponeses que marcharam mais de 12 mil quilômetros contra todo tipo de adversidade (PO-CHENG, 2011, p.13). Ao longo de mais de 12 mil quilômetros percorridos o Exército foi marchando, combatendo os inimigos e realizando a Revolução Agrária que já havia iniciado em 1927. A Grande Marcha permitiu reajustar a linha ideológica que conduzia o Exército, principalmente após ter sofrido duras perdas em seus quadros devido à linha “esquerdista” errônea. A linha “esquerdista” encabeçada por Wang Ming menosprezou a participação do campesinato pobre na luta antifeudal, assim como “[...] pôs num mesmo plano a luta contra a burguesia e a luta anti-imperialista e antifeudal [...]” (PO-CHENG, 2011, p. 14). Porém, a partir da Reunião de Tsunyi² a Grande Marcha passou a ser dirigida por uma nova linha. “*Esta Reunión acabó con el predominio de la línea oportunista de "izquierda" de Wang Ming en la dirección central del Partido, estableció la posición dirigente del Presidente Mao en todo el Partido y encauzó la línea del Partido por la correcta ruta marxista-leninista*” (RENMIN RIBAO – HONGQI – JIEFANGJUN BAO, 1975, p. 5). A Reunião de Tsunyi trouxe novo ânimo para os combatentes e uma direção correta para a Marcha que se tornou uma força poderosa, transformando-se em Guerra Popular

² Em janeiro 1935, depois de tomar a cidade de Tsunyi, na província de Kuichou, o Comitê Central do Partido convocou uma reunião ampliada do Birô Político do Comitê Central do Partido Comunista da China. Esta reunião concentrou seus esforços para retificar os erros militares e de organização que constituíram um importante fator na época. A reunião derrotou plenamente a dominação de linha “esquerdista” e estabeleceu uma nova direção do Comitê Central do Partido encabeçada pelo Presidente Mao (NAN-SHENG, 2011, p. 36).

Prolongada. Porém, o triunfo desta luta só ocorreu devido à correta aplicação da linha política e militar de Mao Tsetung (NAN-SHENG, 2011, p. 36). Entre os anos de 1924 e 1927, os países imperialistas se uniram mais uma vez para combater a Primeira Guerra Civil Revolucionária dirigida pelo Partido Comunista.

Desde a fundação do PCCh, em 1921, até a proclamação da República Popular da China em 1949, a China passou por 28 anos de intensas lutas que resultaram na implantação do modo de produção socialista mediante o desenvolvimento da ditadura do proletariado. A Revolução chinesa passou por duas etapas: a primeira, a revolução de nova democracia e a segunda, a revolução socialista.

Se trata de dos procesos revolucionarios cualitativamente distintos, que a la vez se diferencian y se vinculan entre sí. Sólo después de consumado el primer proceso, la revolución de carácter democrático-burgués, se puede pasar al cumplimiento del segundo, la revolución socialista. La revolución democrática constituye la preparación necesaria para la revolución socialista, y la revolución socialista es la dirección inevitable para el desarrollo de la revolución democrática. El Presidente Mao apuntó: Un Partido Comunista constituido conforme a la teoría revolucionaria marxista-leninista y al estilo revolucionario marxista-leninista, un ejército dirigido por tal Partido, un frente único de todas las clases revolucionarias y grupos revolucionarios dirigidos por tal Partido: éstas son las tres armas principales para tomar y consolidar el Poder. Es precisamente por esta senda que se ha desarrollado la revolución china (RENMIN RIBAO - HONGQI - JIEFANGJUN BAO, 1975, p. 2).

O triunfo da revolução transformou por completo a vida de milhões de chineses. Durante décadas de guerra civil, o país sofreu com a queda da produção agrícola e industrial. A partir de 1949, com a proclamação da República Popular da China, os esforços de seu Partido Comunista visavam reverter àquela situação. A nova China rompeu séculos de atraso e alcançou rapidamente os mais elevados índices de produção e industrialização. As transformações no campo foram pro-

fundas, obtidas pelo processo da revolução agrária, após décadas de luta armada revolucionária, em que as massas camponesas se apropriaram de todos os latifúndios sob a direção do PCCh. Por meio da Lei de Reforma Agrária da República Popular da China, em 1950, as terras dos latifúndios, as máquinas agrícolas e outras benfeitorias foram confiscadas e distribuídas aos camponeses. No início de 1953, a Revolução Agrária foi concluída e cooperativas agrícolas foram criadas, chegando a 650 mil em 1955. Em relação ao processo de industrialização, algumas medidas importantes foram tomadas. As grandes indústrias, empresas de transportes e bancos foram nacionalizados, exceto as propriedades da burguesia nacional (média burguesia). Houve ruptura com os países imperialistas que antes dominavam a China e restabeleceu-se plena soberania nacional sobre a economia e as riquezas do país. A China desenvolveu rapidamente sua economia e elevou as condições de vida da população.

Todas as transformações realizadas na China devem-se a aplicação correta do marxismo-leninismo às condições concretas daquele país pelo Presidente Mao Tsetung. Ele estabeleceu a estratégia do cerco da cidade pelo campo; fundou e dirigiu a República Popular criando uma nova economia, uma nova política e nova cultura. Enfrentou o revisionismo moderno e todas as doutrinas de restauração capitalista, com destaque para o desmascaramento do kruschovismo (a Grande Polêmica-1963) e o desenvolvimento da GRCP (1966). Suas contribuições teóricas se destacam na rica análise que desenvolveu sobre a contradição como a lei fundamental da dialética e a tese do capitalismo burocrático. Aprofundou a teoria Marxista-Leninista do Estado (desde os três instrumentos: o Partido, o Exército e a Frente Única), a teoria da Guerra Popular Prolongada, entre outros importantes aportes sintetizados como Maoísmo. O Maoísmo é considerado por muitos partidos comunistas como a terceira, nova e superior etapa do marxismo e vem sendo aplicado em diversos processos revolucionários em curso na atualidade³.

³ Desenvolve-se na atualidade a Guerra Popular na Índia, Filipinas, Turquia, Peru,

Dentre as ações mais importantes dirigidas por Mao Tsetung está a Grande Revolução Cultural Proletária – GRCP iniciada em 1966 e encerrada com sua morte em 1976. Ela foi a forma de avançar a luta de classes nas condições da ditadura do proletariado contra as velhas classes exploradoras e o revisionismo nas suas ações contrarrevolucionárias com o objetivo de restaurar o capitalismo.

O presidente Mao Tsetung morreu em 9 de setembro de 1976. Com sua morte, os revisionistas, no interior do partido, perpetraram um golpe contra revolucionário comandado por Teng Siaoping, sucedido pela restauração do capitalismo. As principais lideranças comunistas defensoras do socialismo chinês e do pensamento de Mao Tsetung foram presas, perseguidas e mortas, dentre elas a importante dirigente do Partido, Chiang Ching, companheira de Mao Tsetung. A China deixou de ser um país socialista em 1976, mas deixou um importante legado na educação das massas proletárias, como veremos adiante.

Os aportes teóricos da educação na China Socialista e a luta em defesa do marxismo–leninismo

A Revolução de Outubro de 1917, na Rússia, foi a primeira tentativa efetiva de construir uma sociedade sem classes, na qual o desenvolvimento humano fosse o objetivo principal. Lênin tem uma imensa importância histórica, política e militar, pelo seu êxito no plano revolucionário e pela teoria central da maior e mais importante revolução socialista do século XX. Assim como Marx e Engels fundaram o marxismo em luta contra as correntes filosóficas idealistas e metafísicas e as teorias e ideologias correspondentes às concepções das classes dominantes, Lênin o elevou a uma segunda etapa de desenvolvimento, em dura luta contra o revisionismo que buscava negar sua essência re-

etc. dirigida por partidos maoístas.

volucionária. O leninismo⁴ constituiu-se, portanto, como segunda etapa deste desenvolvimento. O marxismo-leninismo como doutrina da revolução comprometida com implementação integral do programa socialista foi assumida pelo Presidente Mao Tsetung durante todo o curso da revolução na China e, após seu triunfo, orientou o programa do Partido, somado aos aportes das experiências desenvolvidas na URSS, tanto em relação à política econômica, como no campo da cultura e da formação humana.

A base ideológica da educação proposta por Mao Tsetung na China se fundamentava nos princípios gerais projetados por Marx e Lênin. Marx defendeu, num texto intitulado “*Instruções aos Delegados do Conselho Geral da AIT*”, no fim de agosto de 1866, uma educação vinculada ao trabalho produtivo e que possibilitasse uma formação intelectual, física e tecnológica (MARX; ENGELS, 2011, p.85). Para Marx, a união entre instrução e trabalho expressava o seu objetivo de formação do homem omnilateral, ou seja, desenvolver todas as potencialidades físicas e culturais do homem. A proposta marxista aplicada na URSS teve uma importante contribuição de Lênin, que sistematizou e refletiu a aplicabilidade de uma pedagogia socialista a partir dos fundamentos da concepção marxista de mundo. Lênin (1981, t. 6, p. 284) entendia a educação como transmissão teórica e a prática social como agitação política com o objetivo de:

[...] apontar a verdadeira consigna de luta; em saber apresentar objetivamente a luta como produto de um determinado sistema de relações de produção; e a necessidade desta luta, seu conteúdo, o curso e as condições do seu desenvolvimento, sem perder de vista seu objetivo geral: a destruição completa e definitiva de toda exploração e de toda opressão (LÊNIN, 1981, t. 1, p. 358).

⁴ “Leninismo é o marxismo da época do imperialismo e da revolução proletária ou mais exatamente o leninismo é a teoria e a tática da revolução proletária em geral, a teoria e a tática da ditadura do proletariado em particular. [...]. Eis porque o leninismo é um novo desenvolvimento do marxismo” (STÁLIN, 1979, p. 7).

Para Lênin, a educação era um instrumento de formação da consciência de classe e que possibilita ao proletariado dominar a ciência e fazê-la avançar (LÊNIN, 1981, t. 6, p. 33). Para ele, “nos terrenos econômicos e político, separar desta luta a esfera escolar é, primeiro, uma utopia absurda, pois não se pode separar a escola da economia e da política”. (LÊNIN, 1984, t. 24, p. 146). Para isso, é necessário transformar radicalmente o ensino, como propôs:

E neste problema o essencial é que, com a transformação da velha sociedade capitalista, o ensino, a educação e a instrução das novas gerações, destinadas a criar a sociedade comunista, não podem seguir sendo o que eram. [...] Só transformando radicalmente o ensino, a organização e a educação da juventude, conseguiremos que os resultados dos esforços da jovem geração seja a criação de uma sociedade que não se pareça à antiga (a burguesa), a saber, da sociedade comunista (LÊNIN, 1977, p. 203).

Mao Tsetung absorveu os princípios leninistas aplicados na URSS e desde a proclamação da República Popular da China deu uma atenção especial à educação. Ele era professor e grande conhecedor dos problemas da educação. “Ao conversar com Edgar Snow, o conhecido escritor e jornalista americano, em dezembro de 1970, Mao disse que gostaria de ser lembrado simplesmente como professor, um professor primário”. (BHATTACHARYYA, 2016, p. 1).

No decurso de 1919 a 1949, em meio à dureza da heroica guerra revolucionária, Mao Tsetung, em 1929, difundiu 10 princípios pedagógicos, como expõe Ríos⁵ (1973, p. 7– tradução nossa): 1) Iniciar o aluno; 2) Avançar do próximo ao distante, do superficial ao profundo; 3) Começar pelo mais fácil para chegar ao mais difícil; 4) Popularizar o

⁵ O autor peruano Carlos Castillo Ríos, foi o primeiro educador do ocidente que durante a revolução cultural foi convidado a ingressar nas escolas e universidades chinesas e a dialogar com professores e alunos. Sua obra *La educación em China. Una pedagogía revolucionaria* publicada em 1973 é resultado dessa experiência.

ensino; 5) Utilizar linguagem clara; 6) Despertar o interesse do público, tornar as aulas interessantes; 7) Falar com gestos, se necessário; 8) Repetir incansavelmente o fundamental da aula, até chegar a compreensão total; 9) Resumir o que foi dito, destacando o mais importante; 10) Desenvolver a prática de discussões e debates. Conforme o autor, esses princípios constituíram a base do que viria a ser a educação revolucionária na China. Em *Sobre a justa solução das contradições no seio do povo*, Mao Tsetung, elaborou sua síntese Marxista–Leninista para a educação: “A nossa política, no domínio da educação, deve permitir que todos os que a recebem se desenvolvam moral, intelectual e fisicamente, e se convertam em trabalhadores cultos e de consciência socialista” (2016, p. 142).

Entretanto, de 1945 a 1965 as dificuldades em construir uma nova educação foram imensas. Nessa fase inicial da nova China Socialista, o país estava devastado pela agressão japonesa e a guerra civil entre o Partido Comunista Chinês e o Kuomintang. A China era um dos países mais atrasados do mundo. O analfabetismo era a expressão mais clara da situação de exploração e a extrema pobreza em que vivia o povo chinês. Conforme Ríos (1973, p. 12), nesse período, 95% da população não sabia ler nem escrever. O acesso às instituições de ensino era privilégio da classe dominante, cabendo à educação transmitir a ideologia e valores da burguesia. O ensino possuía duas dimensões: o ensino teórico para a formação de intelectuais burgueses e, a outra, o ensino centrado na prática visando a qualificação do proletariado para o trabalho manual. Não apenas a infraestrutura da sociedade chinesa precisava ser transformada, mas sua superestrutura.

A partir da década de 1950, a URSS passou a ter grande influência na educação da China. A linha da educação soviética que floresceu na China era a kruschovista, sendo que muitos educadores da URSS foram auxiliar a China. Traduziu-se textos soviéticos para uso escolar e se adaptou o idioma russo como a primeira língua estrangeira. Difundiu-se em toda a China a obra *Pedagogia* de N.A. Kairov, verdadeiro tratado de educação revisionista na URSS, editado depois

do XX Congresso do PCUS. Defendida por Liu Shao Chi, a pedagogia de Kairov foi traduzida na China e se propagou amplamente. Kairov foi pessoalmente à China difundir suas ideias pedagógicas entre os educadores (RÍOS, 1973, p. 9). O Grupo de Redação de Crítica Revolucionária de Shanghai (s/d, p.5) comenta sobre a obra de Kairov:

O primeiro capítulo da edição de 1956 mostra que tal tratado contribuiu para a realização das “novas tarefas no âmbito da educação definidas pelo XX Congresso” dos revisionistas soviéticos e que todas apontam ao mesmo objetivo: a restauração do capitalismo. Pouco depois do começo da revolução socialista na China, Liu Shao-chi e seus agentes no âmbito da cultura e na educação – Lu Ting-yi e seus sequazes – designaram tal obra de Kairov como um manual de ensino para as escolas de formação docente do país.

A proposta pedagógica de Mao Tsetung começou a ser substituída pela de Kairov que foi implementada em conjunto com os artigos pressupostos da antiga educação burguesa.

Kairov agrupa princípios pedagógicos de Comenius, a teoria da educação moral de Ushinsky e também o “*método do ensino dos quatro graus*” do pedagogo alemão reacionário Herbart e os incorpora a seu pomposo “sistema” de ensino donde trata coisas como: os “*cinco princípios do ensino*”, as “*seis fases duma lição*”, “*o sistema de qualificação em cinco*”, assim como uma montanha de “doutrinas”, “estruturas” e “métodos”. Este sistema é em realidade um modelo da filosofia escolástica. No entanto, Lu Ting-Yi e seus seguidores têm elogiado seu caráter “científico” e ordenou aos professores de todo o país a aplicá-lo ao pé da letra (GRUPO DE REDAÇÃO DE CRÍTICA REVOLUCIONÁRIA DE SHANGHAI, s/d, p.5).

Havia grandes contradições entre a linha política defendida por Mao Tsetung, que advogava pela primazia da formação e do trabalho, e a linha revisionista encabeçada por Liu Shao Chi. O sistema chinês continuava controlado pelos intelectuais da burguesia, com valores

baseados na filosofia liberal ocidental. “Na visão de Liu, o sistema educacional na China pós–revolucionária deveria ser o de criar *experts* em diferentes campos, confinados nessas áreas de pesquisa e que ficassem totalmente isolados das massas” (BHATTACHARYYA, 1916, p.2).

As críticas a essas ideias eram combatidas por Mao Tsetung e por amplas massas de estudantes, operários e camponeses que denunciavam o sistema educativo. Com base nas informações de Ríos (1973, p. 17 e 27), organizamos o quadro abaixo apresentando as principais ideias da linha de Kairov/ Liu Shao Chi e as críticas feitas por Mao Tsetung:

KAIROV/LIU SHAO CHI	MAO TSETUNG
1. A educação é um fenômeno da humanidade.	1. Educação é fenômeno da luta de classes.
2. As gerações adultas mediante a educação transmitem seus conhecimentos e experiências às gerações jovens. Por conseguinte, as escolas socialistas têm por tarefa primordial ensinar aos alunos conhecimentos gerais, profundos e exatos, sobre a natureza, as sociedades e o desenvolvimento do pensamento humano.	2. Conhecimentos impregnados de profundo caráter de classe. A organização escolar separa os alunos dos trabalhadores. É uma escola que cultiva o intelecto, consome informações, mas não produz nada. Ao avaliar o rendimento escolar exclusivamente mediante notas numéricas que julgam o conhecimento teórico, a escola coloca em primeiro lugar a inteligência do aluno. Em outras palavras: só se leva em conta a capacidade do aluno em reter informações culturais.
3. Todas as crianças são iguais quando se trata de adquirir conhecimentos.	3. Monopólio do conhecimento pelas classes exploradoras: crianças do povo não possuem, objetivamente, as mesmas condições de aprendizagem. A escola frente ao trabalhador tem duas atitudes: ou o transforma aburguesando-o, ou o rejeita.
4. As escolas têm uma dupla tarefa: Formar os alunos para os estabelecimentos de ensino superior; e Formas os alunos que mais tarde vão incor-	4. Escola instrui, informa, mas não educa. Indiferente à realidade chinesa, a escola, sem nenhuma sensibilidade proletária, forma intelectuais, dirigentes e especialis-

<p>porar-se ao trabalho coletivo.</p>	<p>tas que mais tarde governarão em nome do povo e em seu lugar. Os estudantes provenientes de famílias operárias ou camponesas agem como tais durante o primeiro ano de estudos. No segundo, começam a buscar a comodidade, o conforto, e no terceiro ano não se recordam de seus pais, e às vezes até os repudiam.</p>
<p>5. A educação é boa se os alunos chegam a assimilar os conhecimentos existentes acumulados pela humanidade, depois de séculos. Eles constituem um tesouro científico, sólido e seguro.</p>	<p>5. Educação é boa se forma revolucionários. A pretensão de educação apolítica é hipócrita. Graças ao domínio cultural e especialmente por intermédio da educação, se pretende retornar o poder político da burguesia a fim de submeter o proletariado à repressão e à dominação.</p>
<p>6. A melhor maneira de ensinar é a aula. Cada palavra, cada diretiva do professor tem caráter de lei.</p>	<p>6. Os centros educativos se baseiam exclusivamente em “livros mortos”. Patrocinam a propriedade privada do conhecimento com o objetivo de criar privilegiados e dar-lhes posições de liderança e reconhecimento.</p>
<p>7. Deve ser excluído do curso tudo que é questionável ou necessita ser confirmado pela ciência.</p>	<p>7. A educação é hipocritamente apolítica, pois tendo em vista a recuperação do poder por parte dos nobres intelectuais egressos das universidades, tem propósitos políticos ocultos: aspira à restauração dos valores burgueses e quer converter a China em um país revisionista, pró-capitalista e anti-proletário.</p>

A equipe de Liu Shao Chi, infiltrada nos postos-chave do governo, teve muitos triunfos. Segundo Ríos (1973, p. 13), a situação, depois de mais de 25 anos de socialismo, era a seguinte: a) 45% dos estudantes eram de origem burguesa; b) em quase 15% das comunas populares renascia a mentalidade dos proprietários e capitalistas, aparecendo novamente motivações egoístas e desejo de enriquecimento pessoal; c) aparecimento, ainda que em pequena escala, da corrupção, do

nepotismo e do desvio doutrinário; d) a luta pela fama por parte de escritores; e) o retorno da política dos “três altos”: alto salário, alta hierarquia e alto prêmio, expressões que acentuam o individualismo. Nota-se que a implementação da educação socialista na China foi seguida por lutas ideológicas perpetradas pelas forças socialistas contra linhas políticas burguesas.

Em 1960, Liu Shao Chi declara sua oposição aberta ao socialismo e a proposta de Mao Tsetung de ligar a educação às massas camponesas e operárias.

No início dos anos de 1960, entretanto, Liu Shao-chi e seus associados atribuíram as necessidades da China (que na realidade eram devidas principalmente aos desastres naturais e à retirada unilateral repentina da assistência soviética, assim como de seus projetos) à política de Mao do “Grande Salto à Frente” e à Comuna Popular, e defenderam um grupo de medidas que desviaram a China do socialismo e a levaram ao capitalismo. Liu se opunha totalmente à política de Mao de ligar a educação aos movimentos de massa e advogava a política de Confúcio (4) de ‘estudar para se tornar funcionário público. Liu deu instruções para se criar escolas onde os filhos de oficiais seniores e de funcionários gozassem de privilégios. Em função disto, ‘colocando notas no comando’ na admissão e na promoção escolar, ele passou a excluir virtualmente os filhos dos operários e camponeses das instituições de alto nível de aprendizagem (BHATTACHARYYA, 2016, p. 2).

Mao Tsetung lançou o Movimento de Educação Socialista (MES), em 1963 a fim de implantar um novo sistema de educação, conectada integralmente com a luta pela consolidação do socialismo e prevenção da restauração capitalista na China. Em reunião com educadores nepaleses Mao Tsetung explicava os problemas que ainda havia na educação.

Nossa educação está cheia de problemas, o mais proeminente dos quais é o dogmatismo. Estamos no processo de reformar nosso sis-

tema educativo. Os anos de estudo são muito longos, os cursos são muitos, e diversos métodos de ensino não são satisfatórios. As crianças aprendem livros e conceitos que ficam simplesmente em livros e conceitos; não sabem nada a mais. Não utilizam suas quatro extremidades; nem reconhecem os quatro tipos de grãos(1). Muitas crianças nem sequer sabem o que são as vacas, os cavalos, as galinhas, os cães e os porcos; nem podem dizer as diferenças entre o arroz, o alpiste, o milho, o trigo, o milhete e o sorgo(2). Quando um estudante se forma na universidade, já tem mais de 20 anos. Os anos escolares são muito longos, os cursos são muitos, e o método de ensino é por injeção em vez de ser por meio da imaginação. O método dos exames é tratar os candidatos como inimigos e emboscá-los (riscos). Portanto, lhes aconselho a não ter uma fé cega no sistema educativo chinês. Não o considerem um bom sistema. Toda mudança drástica é difícil, [já que] muita gente se oporia. Atualmente uns poucos podem estar de acordo com a adoção de novos métodos, mas muitos estarão em desacordo. Talvez eu esteja jogando um balde de água fria em vocês (MAO TSETUNG, 1964, p. 1).

Bhattacharyya (2016, p.3) relaciona quais foram as principais críticas que havia contra o velho sistema de educação:

Primeiro, a pesada concentração de escolas nas áreas urbanas era uma clara discriminação contra as crianças camponesas, e o rigoroso sistema de admissão favorecia de forma desproporcional às crianças de famílias prósperas. Segundo, havia muitas matérias ‘inúteis’, totalmente irrelevantes para a verdadeira necessidade da China. Mesmo as matérias ‘úteis’ eram ensinadas com grande ênfase na abstração teórica acompanhadas de um divórcio da aplicação prática do problema. Em um nível mais avançado, o treinamento prático consistia com frequência em ensinar técnicas de valor social limitado, ou seja, tópicos como a neurocirurgia eram valorizados em escolas de medicina enquanto assuntos de saúde pública eram ignorados. Terceiro, os cursos eram longos e o sistema muito caro. Quarto, a educação política era ignorada ou se tornava um ritual vazio que não enfatizava o espírito socialista de servir ao povo.

Para resolver esses problemas fazia-se necessário mais que um movimento na educação, pois ela estava ligada aos mais amplos processos de restauração capitalista no país.

De 1956 a 1966 houve acontecimentos políticos importantes. Nikita Krushev fez uma série de acusações contra Stálin, no XX Congresso do Partido Comunista da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – PCUS, em 1956, propondo a transição pacífica do capitalismo para o socialismo, o que abalou ainda mais as relações entre a China e a URSS.

O Partido Comunista Chinês encabeçado por Mao Tsetung afirmava que a tese da coexistência pacífica e as críticas à Stálin eram errôneas e iam contra o marxismo-leninismo, as quais Krushev respondia atacando o PCCh de ultrapassar a etapa socialista. Essas divergências culminaram com a retirada, pela URSS, de todos os seus técnicos que trabalhavam na China, representando um grande prejuízo econômico àquele país. A ruptura se deu em meio à afirmação maoísta de que o revisionismo do PCUS traria graves consequências para o movimento comunista internacional.

Nesse contexto de luta contra o revisionismo ocorreu a publicação da Carta de 25 Pontos, ou “Carta Chinesa”⁶, que foi uma resposta do Comitê Central do Partido Comunista da China ao CC do Partido Comunista da União Soviética. Na Carta Chinesa (NEMLM, 2003, p. 91) o Partido Comunista da China apresenta de onde provêm as divergências entre o PCCh e o PCUS:

Concretamente, estas divergências iniciaram-se com XX Congresso do PCUS em 1956. O XX Congresso do PCUS foi o primeiro passo que deu a direção do PCUS pelo caminho do revisionismo. Desde este Congresso até agora, a linha revisionista da direção do PCUS

⁶ **A Carta Chinesa** se trata de um conjunto de cartas e documentos que fazem parte da titânica luta de duas linhas travada pela direção revolucionária do Comitê Central do Partido Comunista da China (PCCh), sob a chefatura de Mao Tsetung, em defesa das “espadas de Lenin e Stalin”, contra o revisionismo moderno, expresso na direção do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) e Nikita Krushev, principalmente a partir do XX Congresso do PCUS, em fevereiro de 1956 (NEMLM, 2016c, p. 01).

passou por todo um processo de surgimento, formação, desenvolvimento e sistematização. E também por um processo gradual, as pessoas chegaram a compreender mais e mais a fundo esta linha revisionista da direção do PCUS. Sempre sustentamos que muitos pontos de vista defendidos no XX Congresso do PCUS a propósito da luta internacional contemporânea e o movimento comunista internacional, são errôneos e contrários ao marxismo-leninismo.

O Comitê Central do Partido Comunista da China, em carta escrita em 14 de julho de 1963, destacou a linha revolucionária correta em defesa do marxismo-leninismo no seio do movimento comunista internacional, publicada pelo Núcleo de Estudos Marxista-Leninista-Maoísta (NEMLM, 2003, p. 67-68):

O princípio de coexistência pacífica de Lênin é bem claro e de fácil compreensão para as pessoas simples. A coexistência pacífica se refere às relações entre países com distintos sistemas sociais, e ninguém pode interpretá-la segundo lhe convenha. A coexistência pacífica não deve estender-se jamais às relações entre as nações oprimidas e as nações opressoras, entre os países oprimidos e os países opressores, ou entre as classes oprimidas e as classes opressoras, não deve considerar-se jamais como o conteúdo principal da transição do capitalismo ao socialismo, e menos ainda como o caminho da humanidade para o socialismo. A razão consiste em que uma coisa é a coexistência pacífica entre países com distintos sistemas sociais, no qual nenhum dos países pode, nem lhe é permitido, tocar nem sequer um só fio de cabelo do sistema social dos outros, e outra coisa é a luta de classes, a luta de libertação e a transição do capitalismo ao socialismo nos diversos países, que são lutas revolucionárias, inflamadas, de morte, encaminhadas a mudar o sistema social. A coexistência pacífica não pode, de nenhuma maneira, fazer às vezes lutas revolucionárias História Social, n. 17, segundo semestre de 2009 117 Notas sobre a História da Revolução Cultural... dos povos. A transição do capitalismo ao socialismo em qualquer país só pode realizar-se mediante a revolução proletária e a ditadura do proletariado nesse mesmo país.

Visando mudar a sociedade por completo, o Partido Comunista da China buscava mobilizar as massas para impedir que os contrarrevolucionários retornassem ao poder, como ocorria na URSS. Todo o trabalho desenvolvido tinha como finalidade impedir a volta da ditadura da burguesia sobre o proletariado. Assim, era preciso combater a propagação das ideias e a influência burguesa, principalmente dentro do Partido.

No ano de 1958, Mao Tsetung lançou a política do Grande Salto adiante e das Comunas Populares, ao mesmo tempo em que iniciava um movimento contra o revisionismo no intuito de afastar o Partido da linha kruchovista e possibilitar uma retificação dos quadros dirigentes. Mao Tsetung, em 1962, alertava sobre o perigo do surgimento do revisionismo dentro do Comitê Central, advertia que não se deveria esquecer a luta de classes e que era preciso estabelecer uma forma eficaz para prosseguir com a revolução socialista no país. Para ele, o triunfo da revolução não é imediato. A ditadura do proletariado com sucessivas revoluções culturais era a única forma de garantir o triunfo do socialismo e sua transição para o comunismo. Em *O Pseudo-comunismo de Kruschov e as Lições Históricas que dá ao Mundo*, de 14-07-1964 publicado pelo NEMLM (2016a, p.1) Mao Tsetung afirmava:

A luta para saber quem ‘vencerá’, se o socialismo ou se o capitalismo, nos domínios político e ideológico, exige um período de tempo muito longo até decidir-se o seu resultado. Para tal, não bastarão algumas dezenas de anos; em toda parte, são necessários à vitória cem anos, mesmo centenas de anos. [...]. Neste período histórico socialista, temos de manter a ditadura [*do proletariado*], conduzir a revolução socialista até o final se quisermos impedir a restauração capitalista e empreender a edificação socialista, a fim de criar as condições de transição para o comunismo.

Em 1965, a crítica na filosofia e a crítica às expressões artísticas impulsionadas pelos revisionistas no campo da cultura, prepararam o terreno para que se lançasse a GRCP. No início de 1966, o Comitê

Central lançou a Grande Revolução Cultural Proletária, tendo como objetivo mobilizar as massas em todos os setores, para evitar principalmente a infiltração dos revisionistas dentro dos organismos do Partido. Conforme Ríos (1973, p. 14), essa revolução consistiria em uma campanha psicológica e política capaz de estremecer massivamente toda população, fazendo-a participar da estruturação de uma autêntica sociedade socialista. Ríos (1973, p. 14) apresenta as principais ideias que a conduziram:

- a) Provocar a queda das autoridades burguesas;
- b) Estudar a fundo a realidade da China para buscar soluções para seus problemas imediatos, descartando os modelos estrangeiros;
- c) Impulsionar os jovens para que participem do trabalho coletivo;
- d) Tomar as universidades e escolas para que sejam dirigidas pelos camponeses, operários e soldados;
- e) Restaurar os laços de união entre o povo e o exército, convertendo a China em um exército revolucionário com pensamento “atrevido e independente”;
- f) Dirigir a luta pela razão e não pelo terror ou pela força;
- g) Desafiar o imperialismo norte-americano e o revisionismo soviético.

Como única em seu gênero na história do mundo, a GRCP foi definida como um movimento de massas destinado a prevenir a restauração do capitalismo, consolidar a ditadura do proletariado e edificar o socialismo na China (RÍOS, 1973, p. 14). Em *Pequim Informa* – 05/07/1967 – n.º 20 (NEMLM, 2016a, p. 1), Mao Tsetung assim explicava:

A Revolução Cultural atual é a primeira do gênero. De futuro, tais revoluções ocorrerão necessariamente por várias vezes. A questão de saber o resultado da Revolução — quem acabará por vencer — requer um período muito longo. Se não for conduzida com êxito, a restauração do capitalismo continuará possível.

A Circular de 16 de maio de 1966, estabelecida por Mao, apresenta a linha política, ideológica e os princípios da Grande Revolução Cultural Proletária. No mês de junho desse mesmo ano, o Comitê Central recebeu uma carta de estudantes secundaristas solicitando que se promovesse uma transformação dos velhos métodos de ensino ainda presentes nas escolas. Assim, o Comitê Central do Partido Comunista da China deliberou pela suspensão das aulas por 6 meses, visando fazer com que os estudantes pudessem ingressar na GRCP e consequentemente transformar o sistema educacional.

Entre os dias 1 a 12 de agosto de 1966, realizou-se a XI sessão plenária do VIII Comitê Central do Partido Comunista da China, presidida por Mao Tsetung. No dia 8 de agosto o Comitê Central aprovou o “Documento de 16 Pontos”, ou “Decisão do Comitê Central do PCCh sobre a Grande Revolução Cultural Proletária”, dando-lhe nova linha. Nessa ocasião, foi aprovado a decisão de desencadear massivamente a Grande Revolução Cultural Proletária- GRCP. A mobilização da Guarda vermelha⁷ possibilitou a propagação da GRCP, assim como do pensamento Mao Tsetung. A Guarda Vermelha desempenhou um importante papel tanto na cidade como no campo em toda a China. “Mao Tsetung lança o seguinte chamamento: Revolucionários proletários, uní-vos para arrebatador o poder do punhado de dirigentes seguidores do caminho capitalista dentro do Partido!” (NEMLM, 2016b, p. 04). Era preciso combater o revisionismo, o individualismo e o anarquismo e demais ideologias não-proletárias incrustadas no PCCh. Desta forma a luta que se seguiu foi acirrada, tanto no interior do Partido como na sociedade chinesa.

Em janeiro de 1967, ocorreu a chamada “Tempestade de Xan-gai”, promovendo profundas mudanças na China. Este acontecimento colocou o poder sobre a direção dos camponeses e operários. A direção proletária sobre os diversos setores da sociedade chinesa marcou

⁷ Daubier (1974, p.230) esclarece que Guarda Vermelha ou Pequeno General era uma “Organização composta quase exclusivamente por alunos dos liceus, por estudantes universitários e por professores, organizada na clandestinidade em Julho de 1966 e que passou a actuar abertamente em Agosto do mesmo ano”.

uma nova fase da revolução socialista no país, sob a diretiva de Mao Tsetung, em que destacou que “é necessário que a classe operária desempenhe o papel dirigente em todos os ramos do trabalho ao longo da Revolução Cultural” (DAUBIER, 1974, p.130). A decisão do Comitê Central do Partido Comunista Chinês sobre a grande revolução cultural proletária (8 de agosto), “[...] redigida sob a direção pessoal do presidente Mao. Diz: “Reformar o antigo sistema de educação, bem como os antigos princípios e métodos de ensino, é tarefa de extrema importância da grande revolução proletária em curso”. (DAUBIER, 1974, p.130).

Ao transferir o controle dos setores administrativos e políticos para o proletariado, o Comitê Central do PCCh estava ressaltando a importância que essa classe possui. Sendo a mais avançada na história, mais consequente e a única capaz de conduzir a uma sociedade sem classes, deveria assumir a direção do processo como conhecedora da estrutura social do país e resolver os problemas que ainda persistiam na sociedade chinesa. Problemas que os intelectuais até então buscavam resolver no plano das ideias, a classe operária resolveria de forma prática e imediata.

O Centro de Estudos do Marxismo–Leninismo–Maoísmo no Brasil resume o que foi essa importante revolução cultural:

Com a GRCP, milhões de massas tomaram em suas mãos os assuntos do Estado, os problemas políticos, militares, culturais, relativos à produção, etc., e derrubaram os falsos revolucionários encrustados no Partido, no Exército Popular e no Estado, dando origem aos Comitês Revolucionários Três em Um, como os novos órgãos de poder do proletariado. As amplas massas puderam, pela primeira vez na história, mobilizando-se em grandes ondas incessantes, estudar, compreender e manejar o marxismo– leninismo e sua terceira etapa, o Pensamento Mao Tsetung (como denominou-se inicialmente o Maoísmo). A GRCP constituiu-se na etapa mais avançada e mais alta já alcançada pela revolução proletária e se afirma como necessidade e acertado caminho na forma de sucessivas ondas para a eliminação das classes sociais, condição única para entrar toda a Humani-

dade ao luminoso comunismo (NEMLM, 2016a, p. 1).

A GRCP impediu a restauração capitalista na China por mais de 10 anos e proporcionou significativas lições para o proletariado, dentre elas, que o período de transição do socialismo para o comunismo é gradativo e que seu triunfo completo dependerá da realização de inúmeras Revoluções Culturais.

A Educação durante a Grande Revolução Cultural proletária

A Grande Revolução Cultural Proletária Chinesa, dirigida por Mao Tsetung, perdurou entre 1966–1976. Nesse período o Partido Comunista manteve especial atenção na formação ideológica das massas populares, pois a maioria do Comitê Central compreendia que só através de uma Revolução Cultural seria possível transformar a forma de pensamento dominante, elevando e forjando os continuadores da revolução. Assim, a educação em todos os níveis deveria colocar a política proletária no posto de comando, ou seja, realizar uma formação política fundada na ideologia do proletariado, de forma profunda, racional e sistemática em todos os níveis de ensino.

A Grande Revolução Cultural Proletária, foi uma grande revolução política no domínio da superestrutura que compreende, entre outras, a cultura, a arte e o ensino. Mas como fazer a revolução no ensino? A Diretiva do Comitê Central do Partido Comunista Chinês sublinha que “Reformar o antigo sistema de educação assim como os velhos princípios e métodos de ensino é uma tarefa de extrema importância da Grande Revolução Cultural Proletária em curso” (CHINA: REVOLUÇÃO NO ENSINO, 1974, p. 12). Essa orientação cumpria com a proposta de Mao Tsetung: “Há que criticar as autoridades acadêmicas, criticar o atual sistema educativo e os princípios e métodos de ensino em nossas escolas [...] a educação deve estar a serviço da política do proletariado e estar combinada ao trabalho produtivo”. (MAO TSETUNG, 1977, p. 16). Essa determinação foi cumprida vigorosamente.

Em 1966, apenas começada esta revolução, os professores e alunos revolucionários bem como os jovens guardas vermelhos de todo o país, erguendo bem alto a divisa “Temos razão em nos revoltarmos contra os reacionários”, desencadearam o assalto contra o antigo sistema de educação e alcançaram importantes vitórias. Depois, com a entrada da Revolução Cultural na fase de luta–crítica–reforma e em conformidade com a palavra de ordem lançada pelo Presidente Mao: “A classe operária deve exercer a direção em tudo”, a classe operária, força principal da revolução proletária e os camponeses pobres e médios que constituem o seu mais firme aliado, entraram nos estabelecimentos escolares que, pouco depois, mudavam consideravelmente de aspecto (CHINA: REVOLUÇÃO NO ENSINO, 1974, p. 12).

A Revolução no Ensino se desenvolveu a partir da linha de massas e da combinação do ensino com o trabalho produtivo. A linha de massas é parte da teoria marxista do conhecimento, isto é, a reunião de ideias dispersas das massas sintetizadas cientificamente. Há que confiar nas massas, apoiar-se nelas e respeitar suas iniciativas. O método adotado era de deixar as massas se libertarem a si mesmas. As massas deviam ter uma ampla participação, decidir tudo.

A revolução na educação aplicou o princípio “partir das massas para voltar para as massas”. “Das massas para as massas” (MAO TSETUNG, 2016, p. 111). Em pouco tempo, ocorreu uma forte união de camponeses, operários, professores, soldados e estudantes revolucionários para discussão sobre os fundamentos da educação socialista e, ao mesmo tempo, organizar a revolução no ensino (CHINA: REVOLUÇÃO NO ENSINO, 1974, p. 13). Esses princípios foram aplicados buscando a universalização do estudo e a politização; a construção de uma escola flexível, com a redução dos anos de estudos e a simplificação dos cursos; a eliminação de notas e exames; a erradicação de todo o sistema repressivo; a redução de especialidades e; a educação para o trabalho e para a produção.

No dia 27 de julho de 1968, em plena Revolução Cultural, operários e soldados irromperam as escolas e universidades tomando sua direção. A pedagogia tradicional, o intelectualismo burguês e a cultura burguesa perderam nesse dia sua última batalha: a China seria o primeiro país no mundo onde a educação estava em mãos proletárias. Mas, se apresentava um problema: como delinear um novo sistema educativo sendo operários, camponeses e soldados e não havendo em última instância lido um só texto de pedagogia? (RÍOS, 1973, p. 16). A resposta se encontrou nas palavras de Mao Tsetung de que “As massas populares dispõe de um poder criador ilimitado” (MAO TSETUNG, 2016, p.103). Isso quer dizer que havia que mobilizar para que elas opinassem, criticassem e começassem a construir. A maior parte das críticas era feita por meio de *dazibaos*⁸ em diversos pontos de todo o país. O veículo escolhido para garantir a participação popular foi o periódico *Remmin Ribao* (Diário do Povo), que começou pedindo ideias, opiniões, mobilizando a ação criadora das massas. (RÍOS, 1973, p. 16). O periódico começou a funcionar em novembro de 1968, com a publicação de uma proposta apresentada por dois professores de escola primária do campo, pedindo ao Estado que confiasse as escolas do campo à gestão das comunas populares. Segundo a revista *La Chine en Construction*, publicada em 1970 e 1972, a proposta possibilitou uma discussão em todo o país e “em apenas 15 dias, o jornal recebeu sobre o assunto sete mil cartas ou artigos das massas revolucionárias das cidades e dos campos. O tema em discussão foi se alargando até englobar, além da gestão das escolas primárias do campo, a própria gestão das escolas primárias e secundárias urbanas” (CHINA: REVOLUÇÃO NO ENSINO, 1974, p. 11).

⁸ Traduzindo do chinês significa “um cartaz com grandes ideogramas”, ou, grandes caracteres. Entretanto, *Dazibao* na China foi um movimento de expressão autêntica, pelo qual a população do país podia expressar suas ideias. O vestígio de seu surgimento é incerto, mas tudo indica que seja em torno do ano 1911. Este material foi amplamente utilizado durante a revolução cultural e foi um instrumento para que as massas pudessem se expressar livremente e criticar os desvios dos dirigentes que seguiam o caminho da restauração capitalista.

Mao Tsetung afirmava que a questão fundamental na revolução é o poder. Então o problema principal posto em discussão acerca da revolução no ensino era: Quem deveria exercer o poder no Ensino?

No decorrer das polêmicas os camponeses pobres e médios sublinharam: “Nas regiões rurais o poder no ensino deve, sem qualquer dúvida, estar na mão do proletariado. Se no passado a linha proletária do Presidente Mao em matéria de educação não pode ser aplicada a fundo e foi objeto de perturbações provocadas pela linha revisionista contra-revolucionária de Liu Chao-Chi, esse renegado agente do inimigo e traidor da classe operária, se as massas escolares não puderam formar continuadores da causa revolucionária segundo as exigências do proletariado, foi porque este não tinha na mão o poder no ensino”. E, com a força dos fatos em seu apoio, muitos camponeses pobres e médios mostraram por que razão “Sem o poder cultural o nosso poder político não se consegue manter” (CHINA: REVOLUÇÃO NO ENSINO, 1974, p. 14).

Conforme a diretiva do Presidente Mao Tsetung, os camponeses e operários passaram a dirigir todo o sistema de ensino, as escolas da cidade e do campo. As escolas urbanas foram colocadas nas mãos da classe operária de três formas principais: gestão pelas fábricas, pelo bairro ou ainda gestão pela tríplice união da fábrica-comuna-bairro.

A prática e os conhecimentos necessários foram sendo adquiridos com a experiência. A educação foi confiada à direção dos operários, camponeses pobres e médios que tinham nas mãos a tarefa de administrar as escolas e reformar o ensino a partir dos princípios da revolução em curso. O princípio fundamental era “partir das massas para voltar às massas”, isto é, desenvolver a discussão ampliada com todo o povo da cidade e do campo. As discussões foram se tornando cada vez mais ricas nos aspectos teóricos e nos relatos da prática.

A direção das escolas foi totalmente transferida aos camponeses e os professores eram operários, camponeses e alunos revolucionários. Os intelectuais burgueses foram destituídos de seus tronos no ensi-

no, que só servia aos privilegiados da antiga sociedade. “Os camponeses, administrando as escolas, nunca ficam no gabinete. Vão para as aulas ou para os trabalhos manuais com os alunos. Se a sala está suja eles varrem-na. Se os bancos e carteiras necessitam de reparação, eles fazem-na sem demora”. Era a aplicação do pensamento de Mao Tsetung: “Os operários e camponeses são as forças revolucionárias fundamentais” e “Se os intelectuais não se ligam à massa dos operários e camponeses, a nada chegarão” (CHINA: REVOLUÇÃO NO ENSINO, 1974, p. 42).

A gestão das escolas se tornou amplamente democrática, os dirigentes eram eleitos pela comunidade e todas as decisões eram coletivas. “É regra nas escolas convocar, de duas em duas semanas, uma reunião que possibilita aos alunos darem a sua opinião sobre o ensino, aos professores fazerem reparos aos alunos e, a ambos, procederem às suas autocríticas” (CHINA: REVOLUÇÃO NO ENSINO, 1974, p. 39). Conforme esses artigos publicados na revista *La Chine en Construction*, os professores camponeses pobres e médios apresentaram propostas, como a criação, segundo as necessidades, de escolas móveis, funcionando em dias alternados, e de escolas com aulas nas aldeias esparsas, onde as pessoas estavam em constante deslocamento, a fim de assegurar a todas as crianças que atingiram a idade escolar a possibilidade de frequentarem uma escola; a criação, nas brigadas de produção, de escolas que ministravam em sete anos o ensino primário e secundário do 1º ciclo ou de escolas que dariam, em nove anos, o ensino primário e secundário dos dois ciclos, a fim de permitir aos filhos dos camponeses pobres e médios o prosseguimento dos estudos no próprio local, numa escola de grau superior, e de acabar com as dificuldades criadas outrora pela distribuição irracional de estabelecimentos escolares.

No campo, a luta de classes e a luta pela produção eram as matérias de ensino mais animadas e melhores. Os camponeses pobres e médios da camada inferior eram os melhores professores. Elas não só permitiam a saída dos alunos para receberem um ensinamento, mas

também convidavam membros da comuna, possuidores duma rica experiência prática, para darem aulas. As escolas primárias foram transferidas para as brigadas de produção e as horas de estudo se dividiram entre estudo e trabalho, possibilitando a efetiva junção da teoria e da prática, sem diminuir a qualidade da educação, vista anteriormente apenas como promoção de um nível de ensino ao outro. “O novo sistema de educação libertou os alunos do mundo restrito das salas de aula. Atiraram-se para a vasta prática da revolução e da produção” (CHINA: REVOLUÇÃO NO ENSINO, 1974, p. 43. Na verdade, se desfez tudo o que não tinha ligação com a prática. A teoria e a prática não se desconectam enquanto práxis. Mas havia um período mais intenso de vinculação com o trabalho produtivo. Nove meses eram consagrados ao estudo, enquanto que durante os outros meses do ano, os alunos participavam no trabalho produtivo e na prática social.

O processo de politização ocorria em todas as áreas do conhecimento e os conteúdos deveriam ser trabalhados de forma crítica, para que os estudantes pudessem analisar a realidade e atuar sobre ela. “Os cursos de política são consagrados ao estudo e à aplicação das obras do Presidente Mao. Em 9 anos de estudo o aluno deve ler completamente as Obras Escolhidas de Mao Tsetung”. (CHINA: REVOLUÇÃO NO ENSINO, 1974, p. 37–38). A educação tem de ser fundamentalmente política. Não tem como tarefa principal formar engenheiros, médicos, sábios nem acadêmicos, mas formar a consciência ideológica. “A revolução, dizem os chineses, deve dar-se, em primeiro lugar, na mente do homem” (RÍOS, 1973, p. 20).

Outra questão fundamental era a revolucionarização ideológica dos professores. “O Presidente Mao disse: O problema essencial na reforma do ensino é o dos professores” (CHINA: REVOLUÇÃO NO ENSINO, 1974, p. 76). Se as escolas já eram efetivamente geridas pelos operários e camponeses, era preciso também preparar um contingente de professores de novo tipo. A formação dos professores teve um papel fundamental, pois o controle do poder nas escolas pelos camponeses garantia que os professores se preparassem, a partir das exigências

do proletariado, revolucionando-os ideologicamente, possibilitando o surgimento de professores de novo tipo. Os professores eram escolhidos nas brigadas de produção. Desta forma, muitos professores de ideologia burguesa, que não avançavam, foram substituídos por camponeses. Mas muitos foram reeducados pelos operários e camponeses a fim de modificar sua velha ideologia. A formação de professores foi massiva, pois o campo exigia muitos professores primários. A educação estava sendo oferecida a toda população, a maioria analfabeta. Então, os professores escolhidos pelas massas ou apreciados por ela (que tinham alguns méritos), se envolveram na reforma do ensino. Os demais deveriam trabalhar nas brigadas de produção como possibilidade de serem reeducados pelos operários, camponeses e soldados a fim de transformarem sua velha ideologia não proletária. Algumas escolas urbanas, convidaram operários, camponeses e soldados para assumirem a função de professores devido suas ricas experiências na luta de classes e na produção.

Presidente Mao: “Os operários e camponeses são as forças revolucionárias fundamentais” e “Se os intelectuais não se ligam à massa dos operários e camponeses, a nada chegarão”, assim como as recentes diretivas do Presidente Mao sobre a revolução no ensino. Isto fez compreender aos professores que era necessário, para levar a bom termo a reforma no ensino, saírem das escolas e tornarem-se alunos dos camponeses pobres e médios da camada inferior (CHINA: REVOLUÇÃO NO ENSINO, 1974, p. 33).

Sobre o problema da qualidade do ensino ministrado, era consenso que era preciso liquidar a linha revisionista de Liu Shao Chi, que pregava a chamada teoria de “estudar para ascender a altas funções”, o que levava grande número de jovens a considerar o seu estudo como um meio de esquivar-se do trabalho produtivo. As escolas primárias transferidas para as brigadas de produção tinham mais horas de trabalho no currículo que horas de estudo. Isso suscitava alguns questionamentos sobre a qualidade. “A linha revisionista pretendia que o crité-

rio da qualidade do ensino seja “a percentagem de alunos que passaram para uma escola de grau superior”, “a quantidade de conhecimento livrescos adquiridos pelos alunos”, enquanto que, segundo a linha proletária de Mao Tsetung, vigorava o princípio “pouco, mas melhor”. “Dizia ele ‘As matérias ensinadas serão radicalmente modificadas e algumas delas poderão ser antes de mais nada simplificadas’. “O único critério correto de qualidade é o de ver se os alunos formados servem ou não de todo o coração o povo, o proletariado” (CHINA: REVOLUÇÃO NO ENSINO, 1974, p. 77).

Houve modificações radicais na estrutura da escola. Em relação aos horários, a idade escolar, aos períodos de matrícula, aos processos de avaliação, etc. As críticas à organização do ensino e funcionamento das escolas foram apontadas por Mao Tsetung em 1964, quando já propunha algumas transformações:

Durante suas conversas com os líderes do Partido no festival da primavera, em fevereiro de 1964, Mao afirmou: “O período escolar pode ser encurtado [...] Os métodos atuais de exame contêm muitas surpresas, perguntas incomuns e problemas difíceis. Eles são planejados para lidar com o inimigo e não com o povo [...] Eu não os aprovo e acho que deveriam ser completamente remodelados. Sugiro que alguns exemplos de exames sejam publicados e que os alunos os estudem e os resolvam com os livros abertos [...] A duração atual do período, currículos escolares e dos métodos de ensino e de exames deve ser reformulado” (DAVID; SCHURMANN, 1977, p. 243–45 *apud* BHATTACHARYYA, 2016, p. 4).

O tempo escolar foi diminuído⁹. Em muitas instituições os exames de admissão foram abolidos. O sistema de notas também mudou, como explica Bhattacharyya (2016, p. 4):

⁹ Segundo o antigo sistema os estudos primários duravam seis anos, os secundários do 1º ciclo 3 anos e os do 2º ciclo igualmente 3 anos; total de 12 anos. Na escola de Medicina da China, os estudos duravam 8 anos. Durante a revolução cultural o povo escreveu dazibaos e tiveram reuniões de todas as espécies para condenar esse ciclo de 8 anos.

No período depois da libertação os estudantes recebiam notas até 100 no que se referia a seu desempenho no exame. Isto foi remodelado para o sistema de 4 pontos durante a fase da Pré-Revolução Cultural, ou seja, 5–excelente, 4–bom, 3–regular, e 2–ruim. Sem dúvida, foi uma melhoria em relação ao sistema anterior de notas até 100 que havia fomentado a competitividade entre os estudantes em uma sociedade onde melhores notas asseguravam melhores cargos no governo. O novo sistema de 4 pontos, entretanto, não eliminou a competitividade e a maioria dos professores estava acrescentando um ‘mais’ ou ‘menos’ depois do número, criando assim o efeito de um sistema de 12 pontos. Isto foi feito em resposta à ênfase colocada sobre as notas, feita por Liu Shao-chi e seus apoiadores.

As notas foram abolidas. Ninguém mais era aprovado ou reprovado. “Professores e alunos faziam reuniões para discutir o desempenho de cada estudante e da classe como um todo, nas quais os pontos negativos e positivos eram anotados e sugestões foram feitas para o melhoramento do estudo e do ensino” (BHATTACHARYYA, 2016, p. 4). Conforme o autor, “a implementação do princípio socialista de avanço coletivo para que ninguém ficasse para trás que acabou com o sistema de ser aprovado ou reprovado”. Não havia limite de idade para entrar nas escolas. “Para os exames, podem os alunos escolher as questões, levar seus livros para consultar e proceder a debates e discussões”. Houve uma transformação nos manuais de ensino. A maioria dos livros didáticos, produzidos durante a Revolução Cultural, enfatizava a luta de classes, a luta pela produção e as experiências científicas.

As relações entre professores, alunos e trabalhadores também modificaram. Seguia-se a consigna de Mao Tsetung: “Os oficiais ensinam os soldados, os soldados ensinam os oficiais e os soldados ensinam-se mutuamente”. “Se superou o método: “o professor fala, os alunos ouvem” e criou um novo: doravante professores e alunos instruem-se mutuamente, sobem uns e outros ao estrado” (CHINA: REVOLUÇÃO NO ENSINO, 1974, p.69).

Primeiro método: Professores e alunos preparam em conjunto uma lição e dão-na ambos, o que lhes permite completarem-se mutuamente e evidenciar o seu saber. Segundo método: Um aluno dá a lição, o professor completa-o e ajuda-o a fazer o resumo. Se um aluno é capaz de explicar uma lição, o professor confia-lha; se ele não a conhece a fundo, o professor ajuda-o a prepará-la e depois dá a lição com ele.

Terceiro método: Professores e alunos têm reuniões democráticas para examinar o ensino tanto do ponto de vista do professor como dos alunos. Há uma reunião particular no fim de cada lição e uma reunião geral no fim de cada ciclo. Os professores e alunos revolucionários podem assim aperfeiçoar-se juntos, enriquecer sem cessar a sua experiência. Estes métodos pedagógicos estão baseados numa obrigação: ensinar e estudar para a revolução (CHINA: REVOLUÇÃO NO ENSINO, 1974, p. 70).

As escolas e o ensino foram amplamente democratizados. Não era necessário apresentar certificação para entrar na escola, inclusive na universidade, todos tinham acesso em qualquer idade e em qualquer época:

Não há limite de idade para entrar nas escolas. Para os exames, podem os alunos escolher as questões, levar seus livros para consultar e proceder a debates e discussões. Os professores procuram dar uma ajuda suplementar àqueles que tenham dificuldades nos estudos. Aos melhores é permitido saltar de classe. [...] Doravante, não há mais limite da idade para as inscrições e estas são sempre aceitas em qualquer altura do ano; as crianças podem estudar durante o dia, só meio dia, ou apenas à noite; para os que faltarem às aulas, a professora vai às suas casas a fim de os ajudar a apanhar os outros; estando suprimidas as férias de verão e de inverno, a escola só está fechada durante os períodos de maior atividade agrícola e na Festa da Primavera; um horário maleável permite que os alunos se consagrem inteiramente aos estudos durante a estação morta, tenham maior liberdade quando os trabalhos agrícolas começam a tornar-se prementes e

fiquem nos campos no período de maior atividade (CHINA: REVOLUÇÃO NO ENSINO, 1974, p. 49.

A educação dos camponeses foi a que mais avançou, até porque a maior parte da população, historicamente excluída da educação, era do campo, tanto em relação à educação básica como superior. Estimava-se, na época, que “30 milhões de crianças em idade escolar não freqüentassem a escola, a maioria delas crianças da área rural” (GARDENER; IDEMA, ‘1973, p. 258, *apud*, BHATTACHARYYA, 2016, p. 3). As mudanças foram amplas e profundas. Além de democratizar a escola, mudou completamente seu caráter político, pedagógico e científico. O Comitê do Partido da Escola Agrícola de Chaoyang sistematizou as 10 diferenças entre as velhas escolas agrícolas e as novas escolas agrícolas. Bhattacharyya (2016, p. 8–10) apresenta essas diferenças, que organizamos no quadro abaixo:

As velhas escolas agrícolas eram dominadas por intelectuais burgueses	Novas escolas agrícolas reforçaram a liderança da classe operária.
As velhas escolas agrícolas estavam concentradas nas cidades.	As novas escolas agrícolas estavam distribuídas no campo.
As velhas escolas agrícolas defendiam que ‘Aquele que se destaca na aprendizagem pode ser um funcionário’.	As novas escolas agrícolas praticavam o sistema de ‘a partir da Comuna para a Comuna’ e treinavam camponeses de novo tipo tanto com a consciência socialista quanto com a cultura socialista.
As velhas escolas agrícolas enfatizavam ‘priorizar o desenvolvimento intelectual’.	A nova escola agrícola destacava que a política proletária deveria estar no comando.
As velhas escolas socialistas advogavam a ‘regularização’.	As novas escolas agrícolas aderiram ao sistema de parte-trabalho e parte-estudo.
As velhas escolas agrícolas defendiam os ‘Três Centros’ (isto é, professores, livros e salas de aula) e os ‘Três Estágios Convencionais’ (ou seja, base teórica, princípios básicos de várias especialidades e cursos especializados).	As novas escolas agrícolas estabeleceram o sistema de ‘três-em-um’ (isto é, a combinação de ensino, pesquisa científica e produção).

As velhas escolas agrícolas tinham suas instalações em edifícios e ficavam isoladas da sociedade	As novas escolas agrícolas estavam estreitamente ligadas aos três grandes movimentos revolucionários de luta de classe, luta pela produção e experimentos científicos.
As velhas escolas agrícolas eram para uns poucos privilegiados.	As novas escolas agrícolas amplamente distribuídas, alcançavam as amplas massa e proviam sua educação.
As velhas faculdades agrícolas escravizavam os estudantes.	As novas faculdades agrícolas capacitavam os alunos operários–camponeses–soldados a frequentar a universidade, administrá-la e transformá-la.
Os professores nas velhas faculdades agrícolas estavam divorciados dos operários e camponeses.	As novas faculdades agrícolas ajudavam os professores a se integrarem aos operários e camponeses e a se empenharem em construir um contingente de professores proletários.

Essa luta dos camponeses pela escola deu-se numa época em que a burguesia contrarrevolucionária difundia na China a proposta pragmática de John Dewey, conforme denunciou o Grupo de Redação de Crítica Revolucionária de Shanghai, (s/d, p. 9):

É precisamente por isto que, atualmente, um punhado de discípulos chineses de Dewey, protegidos pela linha revisionista contrarrevolucionária de Liu Shao-chi em matéria de educação, converteram-se em especialistas da chamada “Pedagogia” de Kairov. Alguns deles ocuparam os postos de direção nos departamentos de ensino e outros, espalhados por todos os rincões do país, dedicam-se à traição.

O Grupo tratava de orientar os professores contra as correntes reacionárias na educação. Essa foi uma das manifestações da luta de classes que se travou após a Revolução Chinesa para destruir a educação capitalista, o que nos faz compreender que a luta contra a escola capitalista deve persistir até o advento do comunismo, quando será, enfim, derrotada.

A universidade também passou por transformações profundas, colocando fim ao reinado soberano dos intelectuais.

No dia 27 de julho de 1968, em conformidade com o apelo ao combate lançado por Mao e sob a direção do Partido Comunista Chinês, a primeira equipe de propaganda do pensamento maotsetung na China, composta por operários e combatentes do Exército Popular de Libertação, entrou orgulhosamente na Universidade de Tsinghoua, escola superior de ciências e técnicas de fama nacional, onde os intelectuais estavam em grande concentração, com esta grandiosa missão histórica: ***“O proletariado deve exercer em todos os domínios a sua ditadura sobre a burguesia ao nível da superestrutura incluindo os diversos setores da cultura”***. Bastaram um pouco mais de dez horas para que este apelo fosse transformado num ato revolucionário da classe operária, que agitou céu e terra. Na manhã do dia 27 de julho de 1968, erguendo bem alto retratos do presidente Mao, brandindo o livro vermelho das **Citações do Presidente Mao Tsé-Tung**, os operários da indústria de Pequim e os combatentes do E.P.L. dirigiram-se em marcha para a Universidade Tsinghoua. Estavam decididos a ocupar as posições da cultura e do ensino e a proceder a uma transformação radical nesses domínios à luz do pensamento Mao Tsetung. Foi este um grande acontecimento dos anos 60 do século XX! (CHINA: REVOLUÇÃO NO ENSINO, 1974, p. 92 – grifos no original).

Duas diretivas do Presidente Mao Tsetung se destacaram nesse processo: “As equipes operárias de propaganda manter-se-ão longo tempo nas escolas, nelas participarão em todas as tarefas da luta-crítica-reforma e dirigi-las-ão para sempre” e “A imensa maioria deles (os intelectuais) são patriotas; ama a nossa república popular e estão prontos a servir o povo e o Estado Socialista” (CHINA: REVOLUÇÃO NO ENSINO, 1974, p. 95-96).

A equipe de propaganda resolveu chamar a si a grande maioria dos intelectuais e dar-lhes a sua confiança.

O Presidente Mao disse: “*A maioria, a grande maioria mesmo daquelas que se formam nas escolas pode fundir-se com os operários, camponeses e soldados; alguns deles têm até no seu ativo invenções e criações. Todavia devem ser colocados sob a direção duma linha correta e reeducados pelos operários, camponeses e soldados a fim de poderem rejeitar radicalmente a sua velha ideologia a tais intelectuais, os operários, camponeses e soldados, farão um bom acolhimento*”. Sob a influência perniciosa da linha revisionista contrarrevolucionária em matéria de ensino, os intelectuais passavam dum livro para outro sem todavia chegarem a nada. Mas hoje, depois de terem passado alguns meses nas fábricas ou no campo eles conseguem, com os operários e camponeses pobres e médios fazer inovações técnicas e cumprir as tarefas de produção (CHINA: REVOLUÇÃO NO ENSINO, 1974, p. 97–98 – grifos no original).

Essas medidas geraram muitas críticas, dentro e fora da China, acusando o Estado Chinês de enviar intelectuais para “trabalho forçado”. Em documento redigido pelo importante comunista brasileiro Pedro Pomar, em *A Classe Operária*, em 1968, se busca responder a essas acusações:

[...] o revisionismo é um fenômeno internacional e obedece a causas sociais bem definidas, todos os revisionistas conservam nos ataques à Revolução Cultural o mesmo signo: o temor das massas e o ódio à revolução, a apostasia ao marxismo–leninismo e a capitulação diante do imperialismo. [...]. A imputação dos revisionistas de que a Revolução Cultural Proletária está em conflito com a cultura e o humanismo marxista–leninista significa rematada hipocrisia e dissimulada apologia do humanismo reacionário e da cultura decadente da burguesia. A ditadura do proletariado perderia sua razão de ser, se deixasse de privar alguns intelectuais burgueses da liberdade de envenenar a juventude com as ideias do individualismo, da exploração do homem pelo homem, da guerra imperialista, da falaciosa igualdade entre ricos e pobres (POMAR, 1968, p. 8).

A maior parte dos intelectuais, dentre os quais estavam os professores universitários, reproduzia a ideologia burguesa e agia como contra revolucionária. Estes foram reeducados na coletividade da produção vinculando-se aos interesses dos operários e camponeses que até então não tinham acesso ao ensino superior. Para garantir a união teoria e prática foi instituído um novo sistema chamado de “sistema três-em-um” que combinava ensino, pesquisa científica e produção. As universidades passaram a ligar-se com as fábricas e com a produção agrícola. Todas as áreas do conhecimento deveriam articular teoria e prática. A participação no trabalho manual era obrigatória. “Professores e estudantes vão trabalhar para as comunas populares, para as explorações florestais, para as fábricas; além disso, fazem com regularidade trabalho manual no curso do ensino profissional” (CHINA: REVOLUÇÃO NO ENSINO, 1974, p. 68). Essa prática permitia a fusão dos intelectuais com os operários e camponeses.

A combinação ‘três-em-um’ e a relação dialética entre a faculdade e a fábrica mostraram-se significativas no desenvolvimento da China. Por um lado, novas técnicas e invenções da produção social enriqueceram e renovaram o conteúdo do ensino, e, por outro, os frutos da pesquisa científica nas universidades serviram diretamente à construção socialista e promoveram o progresso da produção social. De fato, o elo da educação universitária com as fábricas abriu novos e amplos horizontes para a revolução educacional (BHATTACHARYYA, 2016, p. 9).

Foram criadas faculdades operárias para ensinar a teoria, a ciência e a técnica revolucionárias e, já em 1974, milhares de estudantes se graduaram. Em 1974, mais de 1.670.000 operários, camponeses e soldados, com experiência em muitas províncias, foram matriculados nas universidades e faculdades da China (PEKING REVIEW, 1974, p. 6, *apud* BHATTACHARYYA, 2016, p. 9). O mais importante era a produção científica dessas universidades, conforme Bhattacharyya (2016, p. 9):

Desde janeiro de 1972, os estudantes operários de uma faculdade completaram 50 invenções com êxito além de transformações em equipamentos (26). Não é de se surpreender que os operários pudessem fazer inovações no campo da produção e da luta de classes; como todos sabemos, a maioria das grandes invenções tecnológicas do século XVIII na Inglaterra, que tornaram possível a revolução industrial, foram feitas por aqueles que estavam diretamente envolvidos na prática social (27). O que faltava aos operários dos países capitalistas era que não tinham nenhuma possibilidade de tomar parte nas experiências científicas. Foi na China socialista que eles passaram a participar do terceiro elemento da prática social, isto é, das experiências científicas, além da luta pela produção e da luta de classes.

No campo da medicina também houve muitos avanços. Os cursos diminuíram o tempo de estudo. Passaram a se dedicar à medicina popular, a investigar e tratar as doenças que acometiam o povo chinês.

Conquistas realmente surpreendentes foram feitas no campo da medicina, muitas das quais foram as primeiras de sua espécie em todo o mundo. Os pacientes puderam ser anestesiados com a inserção de agulhas em certas partes do corpo tornando possível operações cirúrgicas. O uso da acupuntura restaurou a audição e a fala de surdos-mudos, capacitou os cegos a ver e paráliticos a se levantar e a andar. Membros totalmente separados do corpo por até 48 horas e outros com múltiplas amputações foram rejuntados (PEKING REVIEW, 1975, p. 22, *apud* BHATTACHARYYA, 2016, p. 9).

As escolas dos operários, criadas pela Revolução Cultural, cresceu de 1.200, na primeira metade de 1975, para 15.000 na primeira metade de 1976. Foram criadas em 1975, um número de escolas camponesas de tempo livre, estabelecidas nos subúrbios de Xangai, nas quais a teoria política agrícola, a agrotecnologia e a agromecânica foram ensinadas. “Isto diminuiu a distância entre os operários e os cam-

poneses, a cidade e o campo e entre o trabalho mental e o manual, e também acelerou o ritmo da construção socialista no campo” (PEKING REVIEW, 1975, p. 22, *apud* BHATTACHARYYA, 2016, p. 9).

Conforme Bhattacharyya (2016, p. 10), operários e camponeses discutiam e escreviam sobre teorias de diversas áreas do conhecimento, as questões teóricas de filosofia eram discutidas massivamente. Muitas produções teóricas e científicas saíam do meio das massas trabalhadoras.

Essas são, resumidamente, algumas das mudanças operadas na educação dos operários e camponeses durante a GRCP. Todos os processos revolucionários demonstraram que houve uma forte mobilização e participação das massas numa luta árdua contra a escola burguesa e sua organização autoritária na velha escola capitalista.

Considerações finais

A primeira fase da Revolução Chinesa se desenvolveu na ordem econômica e política e, posteriormente, passou para o campo ideológico: a Grande Revolução Cultural Proletária chinesa, fundada nos princípios do marxismo-leninismo e no pensamento Mao Tsetung. Com a GRCP, milhões tomaram em suas mãos a tarefa de defender o socialismo contra o processo de restauração do capitalismo na China, como já havia ocorrido na URSS com a morte de Stálin.

Como parte da GRCP a Revolução no Ensino partiu da necessidade de transformar o antigo sistema de educação, estabelecendo um vínculo profundo com a classe operária, camponeses pobres e médios. Os estudantes aprendiam nas fábricas e nos campos juntos com os operários e camponeses, se apropriavam do conhecimento científico nas instituições de ensino e aplicavam os novos conhecimentos na produção. A Revolução no Ensino na China teve como pilar fundamental a vinculação do ensino com o trabalho produtivo possibilitando a articulação dialética teoria-prática e a superação da divisão do

trabalho manual e intelectual. Desenvolveu-se a partir da linha de massas, levando a escola aos mais distantes rincões da China, possibilitando uma educação política, científica, cultural e exercícios físicos aplicados na condição de treinamento militar. A escola passou a ser uma escola flexível, com a redução dos anos de estudos e simplificação dos cursos. Eliminou-se a reprovação, as notas e exames; erradicou de todo o sistema repressivo e reduziu as especialidades. Reeducou os educadores e destronou os intelectuais da burguesia colocando as escolas e todo o sistema educativo sob o controle dos operários e camponeses.

A Revolução Cultural Proletária se preocupou com a formação integral do proletariado, garantindo todo o conhecimento necessário para dominarem o processo de produção e encarnarem a ideologia do proletariado. A GRCP foi a primeira experiência do tipo no mundo, assim como demonstrou para os revolucionários que a concretização do socialismo ao comunismo só será possível mediante o desenvolvimento de grandes revoluções culturais. Sem o desenvolvimento de revoluções culturais, o triunfo definitivo do socialismo se torna impossível, tendo em vista que a burguesa utilizará da velha cultura para restaurar o capitalismo.

Com a morte de Tsetung em 1976, o capitalismo foi restaurado na China que se tornou uma nação imperialista, comandada pela burguesia incrustada no partido comunista revisionista, desenvolvendo uma superexploração dos trabalhadores chineses que amargam as mais cruéis condições de trabalho, na “grande fábrica do mundo”, envoltos na miséria e na pobreza, enquanto toda a riqueza voltou a se concentrar em poucas mãos. Contudo, a luta de classes prossegue cada vez mais intensa em todo o mundo, vislumbrando a retomada dos importantes aportes à teoria do proletariado construída no processo da Revolução Chinesa.

Referências

BHATTACHARAYA, A. **A China Socialista e a Educação Popular – 1949–1976**. 2016. Disponível em: <<https://viseminariointernacionalcapitalismoburocratico.wordpress.com/2016/09/24/a-china-socialista-e-a-educacao-popular-1949-1976-amit-bhattacharyya>> Acesso em: ago. 2018.

DAUBIER, J. **História da revolução cultural chinesa**. Lisboa: editorial presença, 1974.

GRUPO DE REDAÇÃO DE CRÍTICA REVOLUCIONÁRIA DE SHANGHAI. Quem reeduca a quem?. Crítica ao livro de N.A. Kairov, “Pedagogia”. Mim. s/d. In: **Núcleo de Estudos do Marxismo–Leninismo–Maoísmo – Brasil**.

LÊNIN, V. I. **Obras completas**. 5. ed. em 55 tomos. Moscú: Progreso, 1984. t. 24.

_____. **Obras completas**. 5. ed. em 55 tomos. Moscú: Progreso, 1981. t. 1.

_____. Tarefas das organizações juvenis. In: LENIN, V. I. **Obras Escolhidas em Doze Volumes**. Moscou: Progreso, 1977. v. 11.

MAO TSETUNG. **Sobre A Educação. Conversa com a delegação de educadores nepaleses**, 1964. Disponível em:

<<https://www.marxists.org/portugues/mao/1964/mes/educa.htm>>

Acesso ago. 2018.

_____. **Citações do Presidente Mao Tsetung**. São Paulo: Edições Seara Vermelha, 2016.

_____. et. al., JOSA, Joan Senent (Org.). **Enseñanza y revolución en China**. Barcelona: Editorial Anagrama, 1977.

MARX, K; ENGELS, F. **Textos sobre Educação e Ensino**. Campinas, SP: Navegando, 2011.

MONTEIRO, Maria de Fátima. **China – Revolução no ensino**. Lisboa, Ciência Moderna, 1973.

NAN-SHENG, C. A longa marcha. In: **O esplendor da Reunião de Tsunyi**. Ed. Seara Vermelha, 2011.

NEMLM – Núcleo de Estudos do Marxismo–Leninismo–Maoísmo – Brasil. **A carta Chinesa**. Belo Horizonte: Terra Editora, 2003.

_____. 50 anos da Grande Revolução Cultural Proletária. Travar a luta de classes para construir o socialismo e transitar ao comunismo. **A Nova Democracia**. Ano XIV, nº 165, 2ª quinzena de Fevereiro de 2016a.

_____. 50 anos da Grande Revolução Cultural Proletária. Não há que esquecer jamais a luta de classes. **A Nova Democracia**. Ano XIV, nº 166, 2ª quinzena de março de 2016b.

_____. Titãs do proletariado internacional. **A Nova Democracia**. Ano XIV, nº 163, 2ª quinzena de Dez. de 2015 e 1ª quinzena de Jan. de 2016c.

PO-CHENG, L. A longa marcha. In: **Uma visão retrospectiva**. Ed. Seara Vermelha, 2011.

POMAR, Pedro. **Grandes êxitos da Revolução Cultural**. A Classe Operária, 1968.

RENMIN RIBAO – HONGQI – JIEFANGJUN BAO. **Breve Historia del PC de China**. [Digitalizado por ARC (noviembre, 2007) de la edición impresa preparada por la editorial Nativa Libros (colección Bandera Roja), 1971, Montevideo–Uruguay.

RÍOS, C. C. **La Educación en China una pedagogia revolucionaria**. Buenos Aires: Búsqueda, 1973.

STÁLIN, J. **Fundamentos do Leninismo**. São Paulo, Global Editora, 1979.

